

O RETORNO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS PRESENCIAIS NO ENSINO MÉDIO NO PÓS-PANDEMIA NA VISÃO DE DISCENTES

THE RETURN OF ON-SITE ACADEMIC ACTIVITIES IN HIGH SCHOOL IN THE POST-PANDEMIC IN THE VIEW OF STUDENTS

Ana Gabriela Rodrigues Cardoso¹ [anagabicardoso@yahoo.com.br]

Natanael Charles da Silva² [natanaelcharles@gmail.com]

Antônio Alison Pinheiro Martins² [antonio.martins@iemci.ufpa.br]

Adauto de Vasconcelos Montenegro³ [adauto_montenegro@hotmail.com]

Luis Cláudio Santana Pereira⁴ [luis@prof.edu.ma.gov.br]

Hugo Leonardo Gomes dos Santos⁵ [prof.hugoleo13@gmail.com]

1 - Instituto Federal do Maranhão (IFMA)

2 - Instituto Federal do Pará (IFPA)

3 - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

4 - Secretaria de Educação do Estado do Maranhão

5 - Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo avaliar as percepções de discentes da Educação Básica (ensino médio) acerca do retorno às atividades acadêmicas presenciais, destacando, sobretudo, a autoavaliação da aprendizagem, as potencialidades, as fragilidades e as dificuldades envolvidas no processo de retorno pós-pandemia. Para alcançar o referido objetivo, foi realizada uma pesquisa de campo, com coleta de dados *online*, utilizando o *Google Forms*, junto a 155 discentes do ensino médio de oito instituições públicas de ensino diferentes, localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Em termos sociodemográficos gerais, os participantes possuem idades entre 15 e 21 anos. Pelo menos 55,5% estão cursando o 3º ano do ensino médio atualmente e 66,9% afirmam morar na zona urbana. Os resultados demonstraram que a grande maioria dos discentes vivenciaram o ensino remoto, e uma significativa parcela avalia as atividades acadêmicas remotas como regulares. Os demais resultados apontaram dificuldades no processo de aprendizagem durante o período remoto e uma ausência de preparação para o retorno presencial. Destaca-se, ainda, o desejo dos alunos para o retorno presencial e uma avaliação mais positiva da própria aprendizagem em atividades presenciais. A partir de tais resultados, emergem contribuições para a prática educacional e para a literatura, além de ser sinalizada uma possível agenda de pesquisas futuras: levantamentos semelhantes acerca de percepções de discentes, do ensino médio, sobre potencialidades e desafios do retorno presencial em outras regiões do Brasil e estudos comparativos entre diferentes séries do último ciclo da Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE: retorno presencial; educação básica; ensino médio.

ABSTRACT

This study had as main objective evaluated (assessed in studies of students of Basic Education) about the face-to-face study, highlighting, especially, a self-assessment of learning, such as potential, as knowledge and as post-pandemic difficulties. For eight reference to the northern objective, a field survey was carried out, with online data collection, using Google Forms, with 155 high school students from different schools located in the public and northeastern regions of Brazil. In general sociodemographic terms, the participants are aged between 15 and 21 years old, 55.5% are currently attending the 3rd year of high school and 66.9% live in the urban area. The results are important as the vast majority of discs remote teaching and a significant experience share remote academic activities as. The other results point to difficulties in the learning process during the remote period and an absence of preparation for the face-to-face return. Also noteworthy is the desire of students for face-to-face and positive feedback from their own learning in more face-to-face activities. From the results, there are contributions to educational practice and educational practice and to the agenda of future challenges: surveys similar to suggestions from high school students on potential and face-to-face feedback in other surveys in Brazil and comparative studies between different series of the Basic Education cycle.

KEYWORDS: *face-to-face return; basic education; high school.*

INTRODUÇÃO

É unânime que a pandemia provocada pelo novo coronavírus trouxe mudanças e revoluções nos diversos setores que afetam a vida humana e a sociedade. Dentre estes setores, a educação foi um dos mais impactados, fazendo-se necessário, perante a realidade, discutir as situações de trabalho que a comunidade escolar enfrentou diante de demandas nunca experienciadas no século XXI. Ademais, houve a abertura de um ambiente educacional novo para a maioria dos(as) docentes e dos(as) alunos(as), do qual emergiram problemas, desafios e novos conhecimentos epistemológicos e tecnológicos (DOS SANTOS; DE QUEIROZ, 2021).

O estudo de Oliveira et al. (2020) demonstrou, a partir de uma discussão teórica, que a pandemia trouxe desafios de diversas ordens para a educação. Cita-se, como exemplo, a definição de estratégias educacionais virtuais que garantissem o isolamento social e a continuidade das atividades acadêmicas, a implementação de medidas de biossegurança em atividades educativas presenciais e ações frente ao estresse vivenciado por docentes e discentes.

A realidade do ensino remoto constitui-se como uma prática, até então, não exercida pelos professores, mas que promoveu alterações no pensar pedagógico, fazendo com que docentes e toda a comunidade escolar refletissem sobre a ressignificação de práticas de ensino-aprendizagem. Além disso, novas ferramentas pedagógicas ganharam evidência, como o conhecimento tecnológico e as construções pedagógicas diferenciadas para atender às exigências emergenciais estabelecidas (SILVA et al., 2022).

Nesse contexto, as escolas, que são vistas como um importante espaço de socialização para os estudantes e intercâmbio entre seus pares, enfrentaram momentos e situações preocupantes. Mais uma vez, o processo de ensino-aprendizagem, que deveria ser prazeroso e rico, tornou-se estressante, desgastante e frustrante para tais sujeitos, incluindo, nessa situação singular, os pais e os responsáveis pelos discentes (ALVES, 2020).

Com o amenizar dos efeitos da pandemia, Almeida, Jung e Silva (2020) afirmam que o retorno às aulas no formato presencial suscita muitas incertezas quanto às demandas estruturais, pedagógicas e protocolares, para receber os alunos nos ambientes escolares. Buscando exemplificar tais demandas, é possível citar questões relacionadas ao modelo de

ensino que será oferecido e como será o processo de adaptação dos estudantes nesse retorno, levando em consideração as aprendizagens que os discentes desenvolveram durante o ensino remoto e as condições psicológicas e sociais que apresentam, atualmente, para encarar uma nova mudança, desta vez por um caminho inverso: do remoto ao presencial.

Diante dessa problemática, Joye, Moreira e Rocha (2020) destacam que os estudantes de Educação Básica necessitam de convivência escolar para desenvolver habilidades afetivas de socialização e empatia. Com isso, o retorno às atividades escolares presenciais não se trata apenas de ter acesso novamente aos saberes acadêmicos na modalidade presencial. Mas, sim, de ter novamente, no ambiente escolar, jovens em fase de amadurecimento, de formação de caráter e de desenvolvimento de sua cidadania e que necessitam, além de formação intelectual, também de suporte socioemocional. Por outro lado, Gurdasani et al. (2021) argumentam que reabrir escolas sem mitigar os riscos de contágio, e com falta de planejamento direcionado ao retorno presencial, contribuiria tanto para o aumento da taxa de transmissibilidade da doença, quanto para o surgimento de novas variantes do vírus causador da COVID-19.

Alguns estudos demonstram questões relacionadas ao retorno às atividades presenciais no contexto educacional. A pesquisa realizada por Seerig et al. (2021), por exemplo, demonstrou, além dos desafios envolvidos na adaptação de uma disciplina prática para o modo remoto, aspectos do retorno presencial às atividades, destacando o empenho do coletivo e o esforço em colocar em prática aprendizados adquiridos no período em que os alunos estiveram desempenhando suas atividades remotas. O estudo também destacou a importância de o retorno presencial ocorrer de forma gradual. Por outro lado, a investigação de Melo Segundo (2022) demonstra ações de preparação, por parte de uma instituição de ensino, para o retorno presencial das atividades acadêmicas, a partir de um levantamento que buscou dar subsídios para a gestão e organização do retorno à presencialidade.

Observa-se, diante dos estudos citados, que alguns deles foram realizados no âmbito do ensino superior, o que pode sugerir uma oportunidade de estudos que explorem tais questões – relativas aos desafios do retorno às aulas e atividades acadêmicas presenciais – na Educação Básica, a exemplo da presente pesquisa. A investigação de Silva et al. (2021), por exemplo, discute diversas consequências do contexto da pandemia para o ensino superior, o que suscita a seguinte reflexão: Que consequências específicas do retorno presencial são esperadas na Educação Básica?

Perante o referido dilema vivenciado não só por brasileiros, mas por estudantes de várias partes do mundo, esta pesquisa possui o objetivo de avaliar percepções de discentes da Educação Básica (ensino médio) acerca do retorno às atividades acadêmicas presenciais, destacando, sobretudo, a autoavaliação da aprendizagem, as potencialidades, as fragilidades e as dificuldades envolvidas no processo de retorno pós-pandemia. Para alcançar o referido objetivo, foi realizada uma pesquisa de campo, com coleta de dados *online*, utilizando o *Google Forms*, junto a 155 discentes do ensino médio de instituições públicas de ensino, localizadas em cidades das regiões Norte e Nordeste do país.

No que concerne à estrutura deste trabalho, o mesmo conta com as seguintes seções além da presente introdução: metodologia; resultados e discussão; e considerações finais.

METODOLOGIA

Esta investigação configurou-se como uma pesquisa de campo, utilizando coleta de dados *online*, com a utilização do *Google Forms*. As perguntas que compuseram o questionário abordado podem ser visualizadas no Quadro 01. O referido questionário foi integrado por 05 questões sociodemográficas relacionadas à vida estudantil (idade, se reside na zona rural ou

urbana, instituição de ensino, série/ano em que se encontra e se vivenciou ou não o ensino remoto); assim como por 08 questões voltadas à investigação de percepções a respeito do retorno às atividades acadêmicas presenciais, destacando, sobretudo, a autoavaliação da aprendizagem, as potencialidades, as fragilidades e as dificuldades envolvidas no processo de retorno pós-pandemia.

As questões apresentam caráter objetivo, visando à sistematização dos dados de forma mais padronizada entre toda a amostra.

Quadro 1: Questões aos respondentes

QUESTÃO	ESCALA DE RESPOSTAS / TIPO DE RESPOSTA
Qual sua idade?	Resposta aberta.
Em qual instituição de ensino você estuda atualmente?	Resposta aberta.
Atualmente, você está cursando qual série/ano?	() 1º ano do ensino médio; () 2º ano do ensino médio; () 3º ano do ensino médio.
Você reside em:	() Zona urbana do município; () Zona rural do município; () Outro.
Você vivenciou o ensino remoto?	() Sim; () Não.
Em linhas gerais, como você avalia o período de atividades acadêmicas remotas?	() Insatisfatório; () Regular; () Bom; () Excelente; () Não vivenciei atividades acadêmicas remotas.
Sobre sua aprendizagem no ensino remoto, você avalia que foi:	() Insatisfatória; () Regular; () Boa; () Excelente; () Não vivenciei atividades acadêmicas remotas.
Caso tenha vivenciado o ensino remoto, houve preparação para o retorno presencial com sua turma e/ou comunidade escolar?	() Não; () Sim; () Não sei opinar.
No momento de retornar às atividades acadêmicas presenciais, você se sentiu preparado para o retorno?	() Sim; () Não; () Não sei opinar.
Em linhas gerais, como você avalia o atual momento de retorno das atividades acadêmicas presenciais?	() Insatisfatório; () Regular; () Bom; () Excelente.
Sobre sua aprendizagem após o retorno das atividades acadêmicas presenciais, você considera que está sendo?	() Insatisfatória; () Regular; () Boa; () Excelente.

Você enfrentou dificuldades no retorno das atividades acadêmicas presenciais?	() Sim; () Não; () Não sei opinar.
Caso tenha enfrentado dificuldades no retorno das atividades acadêmicas presenciais, estas dificuldades foram relacionadas à(ao):	() Aprendizagem; () Metodologias de ensino; () Deslocamento; () Horários; () Segurança (sentir-se seguro no ambiente escolar); () Outra natureza.

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

A amostra foi constituída de 155 discentes de oito instituições públicas de ensino diferentes, localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Todos os colaboradores estavam cursando alguma série do ensino médio. O período de coleta de dados ocorreu entre 07 de abril de 2022 até 12 de abril de 2022.

No que concerne aos aspectos éticos, todos os respondentes assinaram a concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como ressalta-se que houve adesão espontânea à pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em termos sociodemográficos gerais, os participantes possuem idades entre 15 e 21 anos. Pelo menos 66,9% afirmam morar na zona urbana do município, 33,1% na zona rural e 55,5% estão cursando o 3º ano do ensino médio, atualmente.

Embora não seja objetivo desta pesquisa discutir aspectos socioeconômicos relacionados ao ensino remoto, os dados obtidos mostram que aproximadamente um terço dos estudantes reside na zona rural dos municípios, o que certamente trouxe maiores dificuldades com relação ao acesso e participação nas aulas *online*. Este fato já foi evidenciado em pesquisas como a de Dos Santos e De Queiroz (2021), a qual demonstrou que a proposta de um ensino remoto emergencial, de continuidade dos estudos em tempos de isolamento e distanciamento social, revelou (ou confirmou) as desigualdades sociais que já eram conhecidas.

Além disso, atualmente mais da metade dos participantes estão no último ano do ensino médio, o que significa ser este um ano decisivo de suas vidas estudantis a nível de Educação Básica. Trata-se do momento em que muitos irão realizar exames do tipo vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), após terem enfrentado uma realidade de adaptação do ensino presencial para o remoto (no ano de 2020); e, agora, do remoto à volta ao presencial (no ano de 2022).

Sobre suas vivências no ensino remoto, 96,1% afirmam que tiveram aulas nesse período, no qual a maioria considera que as atividades acadêmicas foram de qualidade regular (38,7%), conforme Figura 1. Este dado está de acordo com a pesquisa de Conceição, Conceição e Marques (2022), quando observam uma certa incerteza a respeito das tecnologias que seriam utilizadas no ensino remoto e suas competências de utilização pelos seus usuários diretos (professores, alunos e familiares) e por seus tomadores de decisão como governo e instituições de ensino. Tal indecisão, acompanhada de inexperiência e despreparo diante da nova situação, pode ter contribuído para um período de ensino com bastante defasagem de aprendizagem e pouco aproveitamento.

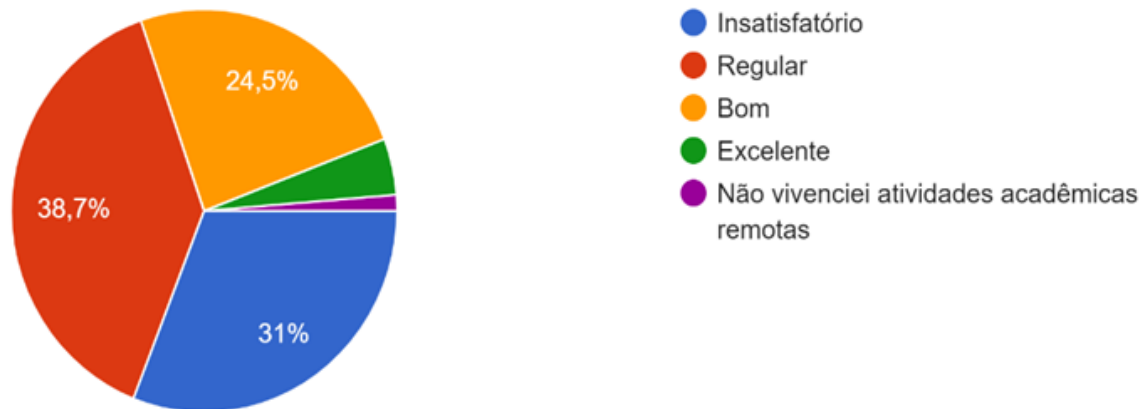


Figura 1: Avaliação dos entrevistados sobre as atividades acadêmicas desenvolvidas no período de aulas remotas.

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

Em consonância a esse resultado, a investigação de Alves (2020) apontou que as estratégias utilizadas nas aulas remotas se basearam basicamente na correção dos exercícios que foram encaminhados para os pais e na resolução de atividades impressas e/ou em páginas indicadas nos livros. Com esse método, os professores corrigiam as atividades junto aos estudantes e, nessa correção, os docentes explicavam os conceitos apresentados nos exercícios.

Isso é evidenciado também, quando os participantes foram questionados acerca de sua aprendizagem durante o período remoto: 38,1% a consideraram regular, enquanto 37,4% consideram que foi insatisfatória (Figura 2). Essa insatisfação tem também, como uma das causas, a internet, ferramenta que foi essencial neste período pandêmico. A maioria das instituições de ensino adotou o Google Meet para a realização de aulas online em tempo real, visando um menor afastamento entre docentes e discentes, e aulas gravadas na plataforma YouTube. Porém, a realidade de muitos alunos não permitia que essas aulas fossem proveitosas devido à internet de baixa qualidade, ou até mesmo ao acesso impossibilitado por questões financeiras e outras situações adversas. Isso foi observado, principalmente, em instituições localizadas no interior dos estados. Mas não deixou de ser um problema vivenciado nas capitais, acarretando baixa frequência, maior desinteresse e baixa interação.

Santana e Sales (2020) destacaram, em sua pesquisa, que não haveria dúvidas que a pandemia de COVID-19 implicaria em perdas para a educação e para a aprendizagem e que, desta forma, a atual gestão das escolas teria que encarar esse cenário pandêmico e criar novas estratégias educacionais. Percebe-se que muitas foram as perdas educacionais na rede pública no período de pandemia, não sendo apresentado um consenso sobre os melhores recursos e estratégias a serem utilizadas. Porém, o momento agora seria de desenvolver novas estratégias educacionais, bem como um planejamento adequado sobre a volta às aulas presenciais. Por conseguinte, cabe destacar a relevância que a pandemia salientou a respeito da inclusão digital e da necessidade do cuidado neste retorno presencial com aqueles discentes que possuem dificuldade com tecnologias digitais, ou falta de acesso a elas (ALMEIDA; JUNG; SILVA, 2021).

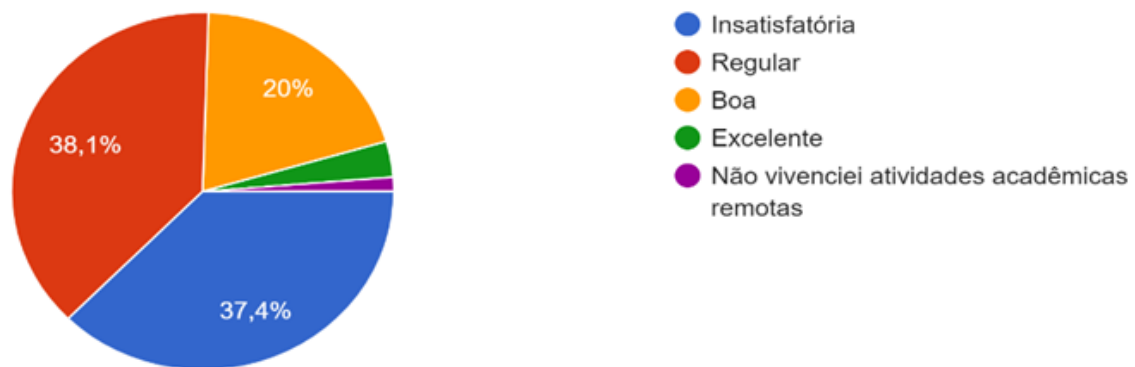


Figura 2: Avaliação dos entrevistados sobre as atividades acadêmicas desenvolvidas no período de aulas remotas.

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

Ainda considerando essa discussão, 54,2% dos participantes afirmaram que não houve preparação do alunado, seja psicológica, organizacional ou de outra natureza, para o retorno presencial das atividades. Além disso, 50,3% afirmaram que não se sentiram preparados para este retorno. Isso mostra que, se durante o período do ensino remoto emergencial e do anseio pelo retorno às atividades presenciais havia incertezas e angústias no relacionamento professor-aluno, agora a preocupação recaiu sobre a reorganização do sistema escolar (DOS SANTOS; DE QUEIROZ, 2021).

Segundo Dussel (2020), o planejamento da reabertura das escolas deveria contemplar questionamentos de quando e como reabri-las, contando com a proteção integral dos sujeitos, contemplando uma readaptação de tempos, espaços e formas de aprendizagem. Segundo os pesquisadores, a preocupação deve ser não apenas com os currículos prescritivos, mas também com a saúde física e emocional de docentes e discentes, reduzindo, dessa forma, a instabilidade e a insegurança instauradas na comunidade escolar.

Nesse contexto, quando indagados sobre como eles avaliam o momento de retorno das atividades acadêmicas presenciais em suas instituições, 43,9% consideram bom (Figura 3).

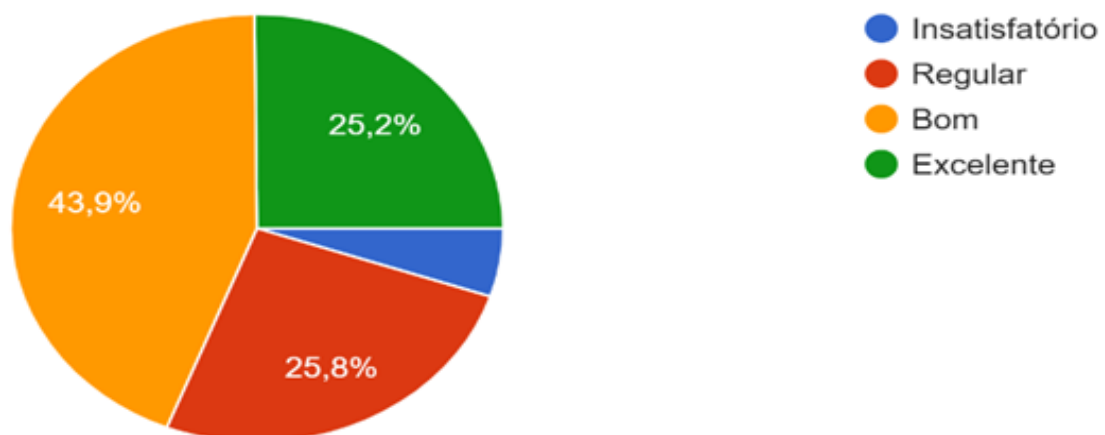


Figura 3: Avaliação dos participantes sobre o momento de retorno das atividades acadêmicas ao formato presencial.

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

Esse resultado pode estar relacionado ao desejo dos estudantes de voltarem ao ensino presencial, diante das dificuldades que estavam enfrentando no modelo remoto. Com isso, mesmo sem a ocorrência do devido preparo e da falta de oferta de condições seguras e adequadas para o retorno, os alunos o consideraram um fator positivo, o que pode sugerir uma certa pressa para tal ação por parte do público discente. No entanto, destaca-se que o planejamento adequado ainda é uma atitude factual em tempos de crise. É fundamental que haja uma efetiva reorganização das atividades pedagógicas, para que, quando houver condições e base científica que sustentem o retorno das aulas presenciais, esse retorno possa ocorrer de forma segura para todos. Espera-se evitar, com isso, o surgimento de emoções instáveis e incertezas, que certamente poderão levar a problemas no âmbito psicológico de familiares, docentes e alunos (DE PAULA, 2022).

Quando foram indagados sobre sua aprendizagem acadêmica após o retorno presencial, 49% consideram que está sendo boa (Figura 4). No entanto, 70,3% afirmaram que tiveram dificuldades em relação ao processo de ensino-aprendizagem no início do retorno presencial.

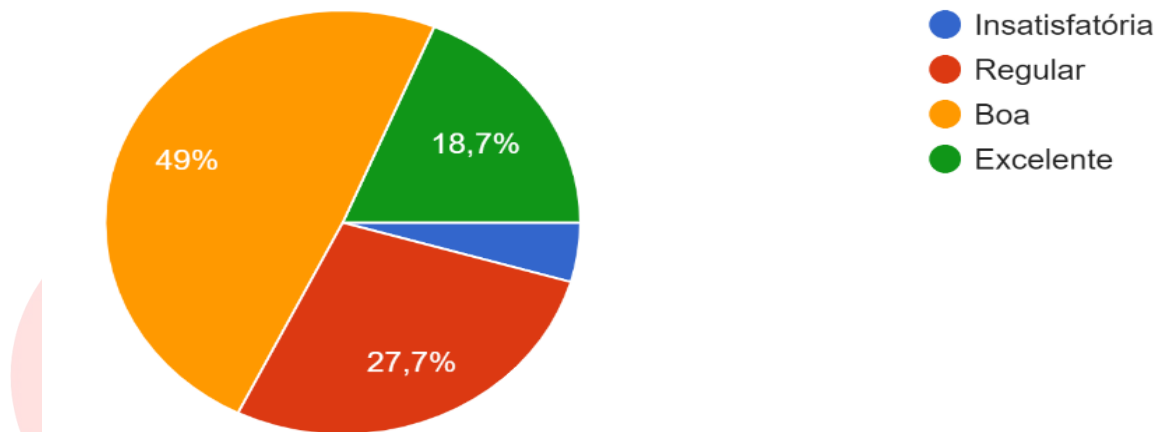


Figura 4: Avaliação dos participantes sobre sua aprendizagem após o retorno das atividades acadêmicas ao formato presencial.

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

Esse resultado evidencia que a constituição da prática docente possui como uma de suas bases de sustentação o fazer pedagógico, que é desenvolvido por meio do planejamento e da execução de ações indispensáveis e cotidianas. Tais ações visam promover o ensino e a aprendizagem que, por sua vez, está associado ao contato e às mediações e intervenções constantes entre professores e alunos (SILVA et al., 2022). A partir da consideração de que o ensino presencial é caracterizado como o formato mais conhecido e comumente usual nas instituições de ensino no Brasil, a volta a este formato, após quase dois anos de ensino remoto, revela fatores e medos ainda não evidenciados e que certamente podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Com relação às dificuldades pelas quais passaram na volta ao presencial, a maioria dos participantes afirmam serem relacionadas à aprendizagem (37%), ao deslocamento para o espaço escolar (23,7%) e às metodologias de ensino (14,8%), conforme Figura 5.

A respeito desse ponto, ressalta-se que, embora o professor seja um dos profissionais que vive em constante transformação, muitas vezes imposta pela sociedade atual que exige uma constante atualização em seus conhecimentos – e muito mais agora na área tecnológica – o próprio professor não foi preparado para desenvolver suas aulas de forma eficiente no ensino remoto (DE PAULA, 2022). Com isso, as dificuldades apresentadas pelos alunos, neste

momento de retorno ao presencial, podem ser fruto das lacunas deixadas pelo ensino remoto e não necessariamente da metodologia utilizada pelo docente.

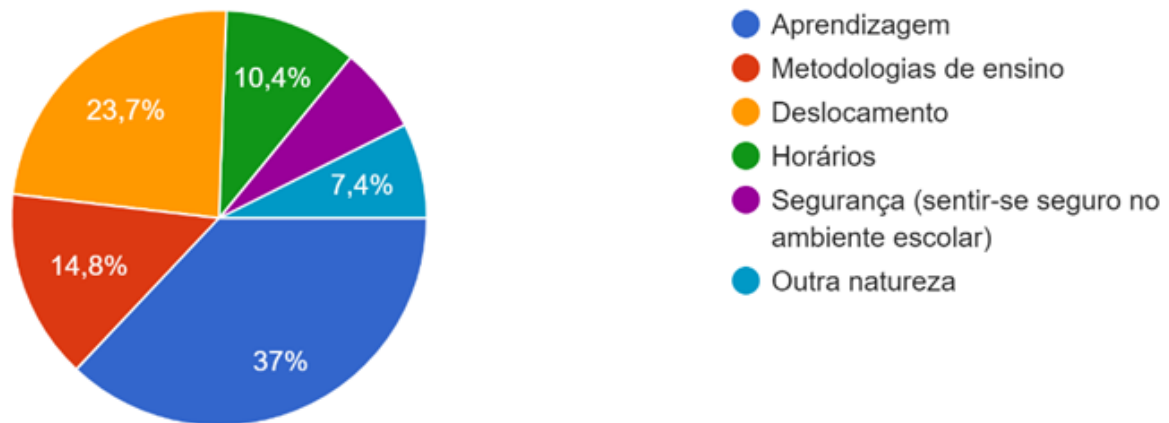


Figura 5: Dificuldades apontadas pelos participantes relacionadas ao retorno das atividades acadêmicas no formato presencial.

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

Um ponto que chamou a atenção, no processo de análise dos dados coletados, é que não foram observadas diferenças marcantes entre discentes das zonas urbana e rural, visto que em ambos os casos a maioria deles consideram que a aprendizagem está sendo “boa” (Figura 6 A e B). Também não se registraram distinções marcantes entre alunos dos três anos do ensino médio.

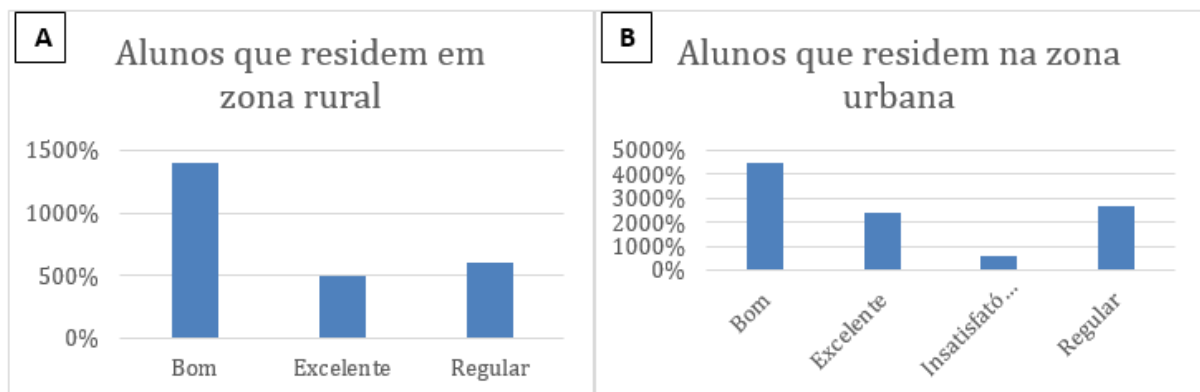


Figura 6: Comparativo da satisfação dos discentes que residem em zona rural (A) e urbana (B) sobre a aprendizagem no retorno às aulas no formato presencial.

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados da pesquisa (2022).

Esse resultado evidencia que as percepções sobre o retorno de atividades letivas presenciais, no que concerne aos aspectos observados nesta pesquisa, repetem-se para os(as) discentes, independentemente do local de moradia ou ano do ensino médio. A boa avaliação dos discentes oriundos da zona rural emerge como resultado novo e demonstra que, mesmo diante da intensificação de desigualdades sociais advindas do ensino remoto (DOS SANTOS; DE QUEIROZ, 2021), é verificada uma potencialidade dessa forma de ensino para o corpo discente da zona rural.

Segundo Oliveira, Silva e Silva (2020), as mudanças ocorridas em decorrência da pandemia e conseqüentemente do ensino remoto, exigem reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem frente a este formato de ensino, ponderando fatores que possam ser considerados positivos e de possíveis aplicações e uso no ensino presencial, como é o caso das tecnologias. Desse modo, observa-se a ocorrência do acréscimo e conjugação de diversas ferramentas metodológicas que podem contribuir com o desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar percepções de discentes da Educação Básica (ensino médio) acerca do retorno às atividades acadêmicas presenciais, destacando, sobretudo, a autoavaliação da aprendizagem, as potencialidades, as fragilidades e as dificuldades envolvidas no processo de retorno pós-pandemia.

Os resultados demonstraram que a grande maioria dos discentes vivenciaram o ensino remoto, ao mesmo tempo em que significativa parcela avalia as atividades acadêmicas remotas como regulares. Os demais resultados demonstraram dificuldades no processo de aprendizagem no período remoto e uma ausência de preparação para o retorno presencial. Especificamente sobre o retorno presencial, os resultados constataam desejo do aluno para retornar e uma avaliação mais positiva da própria aprendizagem em atividades presenciais. Diante dos dados obtidos e da discussão realizada, foi possível alcançar o objetivo previsto e delinear algumas contribuições para as áreas educacional e científica.

No que tange às contribuições para a área educacional, destacam-se as seguintes: a sistematização de percepções de discentes de diferentes instituições acerca das potencialidades e desafios envolvidos no retorno à presencialidade de ações educativas; e os subsídios para a elaboração de planos de retorno presencial de atividades acadêmicas, com base na percepção do alunado. Em relação às contribuições teórico-científicas, este estudo auxilia na busca de superação da lacuna de pesquisa acerca dos impactos do retorno presencial para alunos da Educação Básica, a partir da percepção dos discentes.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a limitação amostral, além de dificuldades no processo de coleta de dados (que ocorreu, exclusivamente, de forma *online*). Outra dificuldade observada foi o processo de organização e categorização dos dados, em função de erros no preenchimento de dados sociodemográficos, o que exigiu uma revisão cuidadosa dos dados (possivelmente, o pouco contato do público-alvo com pesquisas acadêmicas atuou como um dificultador do processo).

Para pesquisas futuras, sugere-se, primeiro, levantamentos semelhantes acerca de percepções de discentes do ensino médio sobre potencialidades e desafios do retorno presencial em outras regiões do Brasil (Sudeste, Centro-oeste e Sul), além de estudos comparativos entre diferentes séries do último ciclo da Educação Básica, o que pode favorecer uma visão mais específica de dificuldades singulares presentes em diferentes etapas do processo formativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. R. de; JUNG, H. S.; SILVA, L. de Q. da. Retorno às aulas: entre o ensino presencial e o ensino a distância, novas tendências. **Revista Prâksis**, v. 3, p. 96-112, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2556/2933>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251/4047>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CONCEIÇÃO, M. P. da; CONCEIÇÃO, R. D. P. da; MARQUES, G. D. O desafio da sala de aula, em tempos de pandemia, sob o olhar do professor. **Revista Augustus**, v. 29, n. 56, p. 121-137, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/752/537>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DE PAULA, L. H. O impacto do retorno às aulas em docentes, alunos e famílias durante o período de pandemia. **Revista Contemporânea/Contemporary Journal**, v. 2, n. 1, p. 314-330, 2022. Disponível em: <http://revistacontemporanea.com/index.php/home/article/view/85/55>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DOS SANTOS, R. B. R.; DE QUEIROZ, P. P. A educação no cenário pandêmico: o que dizem os professores da educação básica sobre o retorno às aulas presenciais. **Intellectus**, v. 20, n. 2, p. 28-49, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/60921/40840>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DUSSEL, I. A escola na pandemia: reflexões sobre a escola em tempos deslocados. **Práxis Educativa, Ponta Grossa**, v. 15, p.1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16482>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GURDASANI, D.; ALWAN, N. A; GREENHALGH, T.; HYDE, Z.; JOHNSON, L.; MCKEE, M. School reopening without robust COVID-19 mitigation risks accelerating the pandemic. **The Lancet**, v. 397, n. 10280, p. 1177-1178, 2021. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)00622-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)00622-X/fulltext). Acesso em: 13 abr. 2022.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a distância ou atividade educacional remota emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de covid-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e521974299–e521974299, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299>. Acesso em: 13 abr. 2022.

MELO SEGUNDO, I. de. **Desafios com o retorno do ensino presencial sob a ótica dos estudantes de Farmácia/UFRN**. 2022. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Farmácia. Natal, RN, 2022.

OLIVEIRA, S. S.; SILVA, O. S. F.; SILVA, M. J. O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas**, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9239>. Acesso em: 13 abr. 2022.

OLIVEIRA, Z. M.; FREITAS, L. M. A.; SANTOS, N. C. N.; DIAS, J. A. A.; FREITAS, M. C. A.; OLIVEIRA, T. M. Estratégias para retomada do ensino superior em saúde frente a COVID-19. **Revista Enfermagem Atual**, v. 93, 2020. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/803>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SANTANA, C. L.; SALES, K. M. B. Aula em casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SEERIG, L. M.; SCHMITT, N. R.; ALVEZ, A. G.; BATISTA, A. K. Ações extensionistas na pandemia: experiência remota e retorno às atividades presenciais. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 3, p. 150-155, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/21179>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SILVA, C. A. P.; SÁ, I. R. de; DOMINGUES, M. G.; APARÍCIO, A. S. M. Transição do Ensino Presencial para o Ensino Remoto em Época de Pandemia. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 23, n. 1, p. 69-77, 2022. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsskroton.com.br/article/view/9038>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SILVA, M. D. DA; SOARES, G. C. A.; CARDOSO, C. M. L.; GUERREIRO, T. S. B.; GUIMARÃES, C. C.; CHICRE, G. R.; SIQUEIRA, L. R. M. DE; SEFFAIR, R. P.; DOMINGUES, N. DO A.; TRINDADE, F. de F. Coronavírus: consequências da pandemia no ensino superior. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 5, 2021. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7120#:~:text=Considera%C3%A7%C3%B5es%20Finais%3A%20As%20consequ%C3%Aancias%20da,as%20aulas%20disponibilizadas%20nas%20plataformas>. Acesso em: 14 abr. 2022.